



AS ÁGUAS DO RESISTIR: UMA AMAZÔNIA VISIVEL

Márcia da Silva Carvalho¹
Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva²

RESUMO: O presente texto traz reflexões acerca de narrativas ribeirinhas da Amazônia paraense através de sua cultura vivida tendo como intencionalidade reverberar, ecoar, anunciar, vozes silenciadas e sua produção cultural invisibilizada. Essas narrativas descrevem o cotidiano das ilhas Longa, Ilha Nova e Ilha de Paqueta onde está situada a Unidade Pedagógica do Jamaci em Belém/Pa, na relação entre escolarização e cultura vivida e seus deslocamentos do Letramento social e o Letramento Escolar. Os estudos evidenciaram elementos da cultura vivida sendo conectados nas relações escolares em seus eventos e práticas de letramentos. A abordagem metodológica da pesquisa se ancorou em acompanhar o processo cartográfico do cotidiano das ilhas encharcado de singularidades que coexistem rizomaticamente neste território onde transbordam invenções, intervenções que movem agenciamentos de forças emanantes da sua cultura vivida, inventividade, subjetividades na relação entre escolarização e cultura vivida e seus deslocamentos, ondulações, imprevisibilidades que as águas nos trazem. Não há como letrar sem estes elementos culturais do cotidiano ribeirinho. Um grito urgente pelos povos das águas, campos e florestas precisa ser potencializado, pois estes ficam a margem, não só dos rios e igarapés, mas de políticas públicas e toda ordem de acessos. Um eco de anúncio e denúncia destas realidades coloniais

PALAVRAS CHAVES: Cotidiano, Letramento. Resistência. Cultura vivida. Deslocamento.

¹ Pedagoga.Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará-Uepa- autorapincipal: marcia.carvalho@uepa.br.

² Licenciada em Letras. Mestre em Linguística e Dr. em Linguística. Universidade do Estado do Pará.coautora/orientadora.. E-mail: cardoso_socorro@yahoo.com.br

1. O LETRAMENTO IDEOLÓGICO COMO CATEGORIA DE RESISTÊNCIA

A intencionalidade neste texto é encharcar a discussão sobre os saberes amazônicos de ribeirinhos nas ilhas de Paquetá, Ilha nova e Ilha Longa, mesorregião do Guamá em Belem/Pa, como saberes tradicionais, a partir de sua cotidianidade e como pensam o seu viver. Saberes que vem das águas amazônicas, dos rios furos e igarapés. Conhecimentos que são construídos miticamente pelo imaginário amazônico, onde o ribeirinho se vê pequeno nessa imensidão e se revê devaneando nesse contexto poético da Amazônia.

Trazemos neste artigo as vozes dos ribeirinhos, sendo em cada uma delas os moradores mais antigos da ilha a trazer suas narrativas, onde os inúmeros aprendizados vão transbordando nestes relatos devaneantes de seu imaginário amazônico. Tais narrativas foram feitas na pesquisa de especialização 2014/2015 e mestrado de 2016/ 2018³, trazendo também apontamentos identificado a partir de 2019 com os estudos de letramento, decolonialidade/colonialidade e interculturalidade, agora no doutoramento no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

Para os Novos Estudos de Letramento o cotidiano ribeirinho em suas ondulações nos mostra variados tipos de eventos e práticas de letramento muito peculiar, onde se encharcam de significados e representações. Esses eventos e práticas de letramento se apresenta através de uma perspectiva ideológica, na medida em que representam suas identidades, o modo de ser e viver do povo das águas campos e florestas.

Dentro da perspectiva de letramento no viés ideológico navega-se fazendo os deslocamentos entre o letramento social e escolar, ressaltando em Carvalho (2018, p.15) “o aspecto cultural e social do letramento que inunda a escola, trazendo à tona toda a cultura vivida destes ribeirinhos nesta importante *agência de letramento*”. Conexões insulares no que estamos referenciando de *Letramentos das Águas*, como uma categoria de resistência e visibilidade.

³ Especialização em Práticas de Alfabetização e Letramento: ESSE RIO É MINHA RUA: um olhar sobre as práticas de letramento nas escolas ribeirinhas. PUC/MINAS 2015



O autor Brian Street (2014) aborda os o aspecto social do letramento usando o conceito de letramento ideológico (e não cultural, ou sociológico) justamente para enfatizar a ligação com as estruturas de poder, processos de dominação, encapsulação e subjugação da cultura. Se temos múltiplos letramentos porque sempre se enfatiza o letramento escolar? Trazendo assim um olhar antropológico e histórico para a construção do processo de leitura escrita. E referência:

As pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não na outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes, seus envolvimento em relações sociais podem ser diferentes. Por isso selecionar só uma variedade de letramento pode não ter os efeitos que se espera. Refiro-me a esse modelo como um *modelo ideológico*; não só um modelo cultural, embora seja isso, mas ideológico porque há poder nessas ideias. (Street, 2010, p.37)

Street (2010, p.36) traz a compreensão de letramento autônomo onde, “presume-se, neste modelo, que letramento é uma coisa autônoma, separada [...] uma coisa que teria efeitos, independente do contexto”, compreende autonomia na perspectiva da escrita como sendo um processo completo em si mesmo, não estando preso ao contexto e a interpretação do mesmo, mas somente ao texto lido, sendo assim desnecessário fazer interlocuções com outras referências e análise além do texto.

Nos novos estudos de letramento trazidos, Street (2014) nos apresenta a partir do conceitos de letramento autônomo, a neutralidade do saber que invisibiliza as estruturas de poder que conduzem os currículos, as aprendizagens, pois este não considera os contextos, e sim letramentos fornecidos pelas instituições formais e oficiais que mascaram e negam culturas, etnias, gêneros tornando-os subalternos, secundários por meio de suas cartilhas, livros didáticos, entre outros mecanismo, pois para o autor as práticas de Letramento estão ligadas as culturas e as estruturas de poder.

Os aprofundamentos sobre letramento a partir de Street (2014 p. 17) inundam-se em uma visão ampliada deste “como uma prática social numa perspectiva transcultural” o autor reforça que se estabelece dentro desses estudos uma tendência a não o enfatizar como uma habilidade neutra, meramente técnica de leitura e escrita, sendo esta, até então, uma visão dominante.

Para referenciar as padronizações e homogenizações feitas na sociedade, Street usa o termo modelo, onde este padrão é referenciado por uma visão dominante e eurocêntrica de mundo e sociedade, referências estas que classificam o ser: Street (2010, p. 36) “Defendo que esses são modelos de letramento que as pessoas mantêm, principalmente quando os modelos são traduzidos em categorias classificatórias que separam os letrados dos não letrados” Esta distinção desqualifica ontologicamente o ser desconsiderando seus saberes, sua cultura .



Portanto esse deslocamento do social e escolar dos letramentos a partir da cultura ribeirinha, precisa estar visibilizado no chão da escola, trazendo um currículos situado em seu contexto, fazendo com que os alunos percebam seu cotidiano e referenciando-o para uma reflexão crítica de sua realidade. É o Inundar da escola das águas dos saberes ribeirinhos.

2. COLONIALIDADE E DECOLONIALIDADE DO SABER DAS AMAZÔNIAS VISÍVEIS

A partir das movências entre os letramentos social e escolar categorizamos um entrelugar destes deslocamentos aqui identificado como **letramentos das águas**, no plural, pois nas águas Amazônidas esse espaço se torna mítico, irrepitível (nunca se banha na mesma água), sempre veremos cenários diferente que nos dá a dimensão de estarmos tão próximos e sintonizados com o ambiente e ao mesmo tempo a imensidão o torna distante, como diz Loureiro (1990. p. 71):

Há um olhar que se dirige para a região, que está impregnado desse próximo-distante [...] esse perto-longe, esse tocável e intocável em que o homem vive seu cotidiano que se apresenta a ele revestido da atmosfera de uma coisa rara.

Portanto é pelo rio que se dá o transpassar dessa cultura híbrida, pois o deslocamento cultural do urbano para o ribeirinho leva e traz conexões, letrando essas águas que misturam suas vivências. Assim essa relação com as águas traz nos ribeirinhos do Igarapé do Jamaci, ilha de Paquetá um sentimento de ampla liberdade, e a estranheza com os centros urbanos, sra. N.T (65a) relata como é sua relação com a “cidade”:

Num sei viver na cidade, lá tudo é fechado, parece que a gente tá na prisão. Vou na cidade só quando preciso muito. Aqui a gente fica com as portas e janelas abertas, sem medo, livres. Vai na janela e olha o rio, pega o barco e traz o alimento do rio, sacode e sobe nas arvores para comer as frutas. O rio me banha, me alimenta. Do rio a gente vive e a gente cuida dele pra viver e ele cuida de nós.

foto 1. Casa de sra N.T



Fonte: arquivos da autora

Na casa de sra. N.T (65a), as portas e janelas que ficam abertas, ela também nos encontra com o sorriso e o coração abertos em cada chegada em sua casa.

Com a perspectiva do conhecimento amplo sobre todos os aspectos: históricos, sociais, culturais, filosóficos o “Letramento das Águas”, vem letrar a partir das práticas sociais onde este cotidiano traz suas particularidades. Vemos que a partir de uma visão colonizadora, eurocêntrica de civilização os povos tradicionais, originários da Amazônia, são considerados não civilizados, não sendo considerados/as como produtores de cultura, com a concepção positivista e Kantiana que esvazia da ciência os saberes populares.

Parto de discussões trazidas por Mota Neto e demais autores (2016, p. 45), acerca da existência de uma “prática epistêmica decolonial” que o caboclo ribeirinho apresenta no seu viver e pelo seu viver como resistir, depreendendo-se de forma ideológica da invisibilidade que lhe é imposta, pois não são povos invisíveis e sim invisibilizados, sendo deixados a margem e a sorte de todas políticas públicas e sociais, o que faz com que estes precisem se reinventar e ressurgirem a cada enchente e vazante de mares para sua visibilidade.

Assim a resistência ribeirinha se decolonializa pelos seus letramentos, sua forma de ver e ser no mundo ancorando-se no conceito decolonial de Mota Neto (2016, p. 44) onde propõe que:

O conceito de decolonialidade a despeito de sua diversidade, como um questionamento radical e uma busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas pela modernidade/colonialidade contra as classes e grupos sociais subalternos, sobretudo das regiões colonizadas e neocolonizadas pelas metrópoles euro-norte-americanas, nos planos de existir humano, das relações sociais e econômicas do pensamento e da educação

Relacionando este conceito com o cotidiano de reexistir ribeirinho que vem das águas, campos e florestas e, portanto, anticolonial, podemos citar aqui um evento recorrente no cotidiano das professoras na Unidade Pedagógica do Jamaci- UP JAMACI, onde a professora N.Q (35a) responsável pela turma do Ciclo II, compra o Jornal local e no trajeto do barco até a escola vem fazendo suas leituras diárias. Esse evento rotineiro da professora desperta grande interesse nas crianças que também são transportadas no barco, sendo uma prática delas sentarem ao lado da professora e levantarem inúmeras indagações sobre as notícias do jornal, as fotos, o preenchimento da parte infantil do jornal.

Como prática de letramento que decorre deste evento se verificam as discussões feitas pelas crianças dos fatos ocorridos, tanto na escola, quanto as que levam para suas casas e viram debates, conversas e reflexões com seus pais. São as notícias da “cidade” inundando o igarapé. Letramentos e seus deslocamentos. No entanto esses saberes que se conectam com o urbano e são relidos a partir da realidade local não estão didaticamente refenciados.

Foto 2. Alunos chegando na UP Jamaci



Fonte: da autora

É o que reafirma Oliveira (2012, p.58) “a construção do conhecimento [...] se realiza como cânone e tradição que silenciam a produção de outros conhecimentos fora da Europa.”

Ainda Oliveira (2012, p. 58) ratifica “A colonialidade do saber operou a inferioridade de grupos humanos não europeus do ponto de vista da produção da divisão do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos”, cegando e reprimindo outras formas de saberes, como os que são transmitidos nestas ilhas pela oralidade, histórias vivenciadas ou não por eles, mas com todo o imaginário e representações populares que como ainda salienta Oliveira (2016, p.230) “ produzidos nas práticas sociais e culturais e que refletem formas de viver, pensar e compreender o mundo “.

O Letramento das águas vem das maresias dos saberes ribeirinhos inundando a escola fazendo conexões, como expressa Carvalho (2018, p. 39) “advindas do cotidiano líquido dessas crianças, que estabelecem claramente para si não só o domínio da leitura e da escrita, [...], mas a significação no uso em eventos e práticas de letramento para seu dia a dia ou a partir dele” quando o saber vem das águas a educação se encharca. E essas ondulações de saberes é o grito de quem é invisibilizado mostrando que o saber que vem dos campos, águas e florestas não cede a violenta invisibilidade colonial eurocêntrica.

PARA CONTINUAR LETRANDO NAS ÁGUAS

O discurso dos povos das águas, campos e florestas estão encharcados de polifonia se tornando um discurso coletivo. Este diálogo encharcado de valores, definições é percebido quando se escuta em suas vozes suas práticas cotidianas vindas a partir desse imaginário estético e poético de suas lendas, mitos, ciclos lunares, movimentos das marés e outros fenômenos da natureza, conduzindo-os.

Nessa pesquisa continuo navegando em uma busca constante neste território, experimentações, onde não são os resultados o mais importante e sim os processos vivenciados, onde não é a representação de uma realidade já pré-estabelecida, mas a escuta, o diálogo a construção compartilhada da experiência num contínuo processo de busca, não das formas, mas dos planos de força e agenciamentos desse Ethos que se assenta como campo de percepção epistêmica e metodológica a ser percorrido nestes estudos.



Este caminhar *com*, serão os momentos da coexistência do conhecer, inventar, aprender, cartografar a partir das produções de subjetividade e coletividade. Um caminhar com pistas que desenham, problematizam, investigam, tendo aqui o sentido de seguir os ventos e as marés para as rizomáticas teias destes lugares que entremeiam seus saberes e os significam.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. S. **As águas da cultura inundando a educação: uma leitura sobre letramentos e cultura ribeirinha.** 2018. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda.** Curitiba: CRV,2016.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica, uma poética do imaginário.** Belém. EJUP.1990.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas.** Petrópolis, RJ: Vozes,2016.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Os novos estudos sobre letramento: históricos e perspectivas.** in Cultura escrita e letramento. (orgs). MARINHO.M e CARVALHO T. G. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.